



REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
Rua do Laranjal, 60-3.º—PORTO

REDACTOR PRINCIPAL—Antonio Alves Pereira

Condições d'Assinatura (Pagamento adiantado)  
Um mez \$05 (50 reis); Semestre \$30 (300 reis); Um ano \$60 (600 reis)  
Para fora do país acresce o importe do selo.

SUCURSAL EM LISBOA  
Rua do Arco da Graça, 4-2.º

Propriedade do Grupo (Aurora Social)

EDITOR—Maclel Barbosa

Numero avulso \$01 (10 reis)  
Comp. e Imp. na Tipografia Peninsular  
Rua dos Mercadores, 171—PORTO—Telefona, 737

## A GUERRA!

Desencadeou-se sobre a Europa um ciclone apocalíptico de ferro e fogo! Sua Majestade a Morte vai ser bem servida pelos seus melhores tributários: a Fome, a Peste e a Guerra. Soltaram-se os tigres: vão banquetear-se os corvos e as hienas. Os pastores, cúpidos conduzem os rebanhos ao matadouro.

E dizia-se que a indústria é inimiga da guerra!

Assim seria, com efeito, se não se tratasse da indústria capitalista; se os meios de produzir fossem comuns, estivessem á disposição de todos; se não existissem fronteiras nem Estados; se se produzisse para satisfazer as necessidades de cada um, não para dar riqueza e poder a uma minoria que de tudo dispõe.

Mas entre a indústria capitalista e a guerra não ha contradição alguma: antes pelo contrário.

A humanidade acha-se dividida em duas classes principais: a dos que tudo possuem e governam, dispondo dos homens por meio da detenção das coisas indispensáveis ou por meio da coacção directa; e a dos que, privados da terra e dos instrumentos de trabalho, estão naturalmente sujeitos aos detentores da riqueza e do poder.

Além desse antagonismo fundamental, existem—derivadas da mesma fonte, a Propriedade privada e o Estado—outras rivalidades entrelaçadas, de uma classe para outra, dentro de cada classe, aqui em torno do ouro e do domínio, ali em volta dum modesto ganha-pão; aqui entre cubicosos do mando e da opulência, ali entre pobres concorrentes, espicaçados pela miséria.

A divisão em Estados, então, com a sua embrutecedora e traiçoeira religião patriótica, com o seu gendarme e o seu monstro militarista, ao mesmo tempo que origina novos ódios e disputas, serve para manter esse absurdo sistema de privilégios e de exploração.

Eis aqui um grande e rico país cuja produção agrícola e manufactureira poderia satisfazer amplamente as necessidades da sua população. Mas esta população, que vive do seu magro salário, não pôde com elle re adquirir o que produziu. E' preciso, pois, exportar—mesmo o que faz falta no lugar de produção: é nisso que está o ganho. E' esse o principal segredo do comércio e do enriquecimento duma minoria, á custa da privação geral. Se não há mercados para a exportação—embora

haja no interior superabundância de necessidades a satisfazer—restringe-se a produção, fecham-se as fábricas, enchem-se as ruas de desocupados e famintos—cresce a miséria por haver... produtos em demasia! Se tudo fosse de todos, essa abundância seria uma bênção. Medir-se-iam as necessidades reais da população, tratando a comunidade de produzir o suficiente para as satisfazer. Mas, em regime capitalista, não se tem em mira as necessidades de todos, mas sim o interesse, o ganho dos detentores e directores da riqueza: a abundância traz a baixa de preços e a abolição dos lucros...

Por isso são tam disputados os mercados e os caminhos de ferro—origem de tantos conflitos.

Entretanto, uma guerra é uma aventura perigosa, pondo em risco poderosos interesses. Seria, pois, modernamente evitável, mesmo independentemente dos esforços proletários, se não houvesse uma categoria especial de interessados no estado de guerra declarado ou latente: os construtores de couraçados e material de guerra, os fornecedores do exército, o militarismo profissional. Amontoam-se armas e soldados, cria-se um espírito agressivo e provocador, convence-se a massa, por meio da grande imprensa, da iminência da guerra e da invasão, fomentam-se ambições e paixões guerreiras. No fundo, o que se pretende são encomendas e boas colocações. Mas vem um dia em que se inflamam os explosivos acumulados e em que triunfam os interesses de carne e de pilhagem. Ha dezenas de anos que a Europa corre desesperadamente para o abismo.

Que resultará desta colossal guerra? Um longo eclipse da civilização? O desaparecimento das magras liberdades conquistadas? O recuo do ideal socialista e libertário e da organização operária? A revolução?

Angustioso problema!  
No princípio, a multidão falsamente educada, vilmente ludibriada, está toda entregue ás paixões brutais, á embriaguez guerreira, á loucura nacionalista—essa loucura de que o insigne Jaurés foi a primeira vítima illustre. Mas com os efeitos da guerra virá talvez a reflexão—e a revolta. Não talvez com as vastas finalidades da revolução social, levada a cabo com maior desenvolvimento de força e de consciência, mas rasgando em todo caso novos horizontes e novas possibilidades.

salvam as indústrias das peles, dos chapéus, do açúcar, dos alcoóis, etc.

Tudo isso produziu um enorme pioramento do mercado do trabalho, havendo, segundo as estatísticas officiais, uma grande desocupação, tanto entre os rurais, como entre os jornaleiros e os operários qualificados de numerosas indústrias e profissões. Com a desocupação veio naturalmente a baixa dos salários, em regra indirecta, isto é, por meio da redução de horas pagas, de mudanças na organização do trabalho, do eliminação de ganhos suplementares, etc.. Só em Milão, há cerca de 30 mil desocupados!

A emigração atinge cifras fabulosas. A pátria «maior» depois de tomada a Tripolitânia expulsa cada vez mais do seu seio os seus filhos, para os quais ella não tem páo nem trabalho. Em 1913, os emigrantes atingiram a cifra de 428.484; e naturalmente não se conta a emigração clandestina, nem

a que é muito temporária. «Esta emigração», escreve Cabiati, não tem precedentes Apresenta um aumento de mais da 100 % sobre a emigração de 1911 e de 46 % sobre a de 1912». Quanto aos repatriamentos, baixaram a menos de metade!

E os militaristas e patrioteiros cantavam as glórias e vantagens da conquista de Trípoli—com tanto maior entusiasmo quanto mais certos estavam de ficar em casa!

O povo, ludibriado, inflamou-se a princípio; mas, apesar da vitória, veio a terrível desilusão, e a monarquia, que contava com uma recrudescência de militarismo e de ideias conservadoras, teve o movimento de junho e a situação revolucionária que ainda dura...

Aviso á repugnante corja monárquica de Lisboa, que bate palmas canibalescamente á conflagração europeia, saudando-a desde já como uma vitória das ideias conservadoras, seja qual for o resultado da luta. Talvez o tiro lhe saia pela culatra...

E bem possível que a guerra monstruosa não seja a bancarrota da Revolução Francesa, com esses chacais regougam, mas a falência do imperialismo e do capitalismo que o gerou.

### O eco da afronta

Seja o eco duma afronta  
O sinal do ressurgir...

Conhecem estes dois versos, não é verdade?

São da Portuguesa, o «hino nacional» depois da República.

E sabem o que êles significam? Sabem que afronta é aquela?

Aquela afronta é o ultimatum da Inglaterra a Portugal, em 11 de janeiro de 1890. Toda a Portuguesa é um hino patriótico contra a Inglaterra e teve origem no ultimatum.

Pois é ao som da Portuguesa que hoje se celebra a aliança inglesa e se aclama a guerra em favor da aliada—contra a qual Junqueiro forjou tam candentes versos...

As vicissitudes do patriotismo...

### Notas Rubras

#### A proposito duma exploração

Aproveitando o ensejo dessa fratricida luta em que presentemente quasi se encontra envolvida toda a Europa, mercê de interesses financeiros—comerciais e odios de raças, varios tendeiros, sem a minima atenção pela indigente miséria em que uma grande parte da classe trabalhadora vive, tem posto em acção toda a sordidez das suas negras almas, elevando desalmadamente o preço dos generos de primeira necessidade.

De toda essa cáfila de sovins criaturas a que maior preponderancia tomou nestes honestos feitos é inegavel que foi essa torpe figura—o mercieiro. Mesquinho e egoísta, o mercieiro—com algumas excepções, é natural—não atenta, nestes difíceis lances, na vida miseravel do povo. Mas não será de sacertado que esses figurões tomem um pouco de cuidado ao pôrem em pratica as suas ignobéis explorações.

Em Lisboa e Setúbal já os trabalhadores, cansados de tanta exploração, entraram em alguns estabelecimentos onde o aumento de preços foi mais atrevido e apoderaram-se do que necessitavam.

E foi mais que logica esta forma de proceder.

Para desgraça da enorme legião dos produtores bem-lhe basta a exorbitancia do actual custo de tudo o que lhe é indispensavel para viver.

Não se brinca impunemente com a miséria do povo.

E bom será que assim succeda de todas as vezes que se ponham em exercicio delapidações identicas.

C. Rodrigues.

## Ao Proletariado e á Burguesia

Serenamente:

Está desencadeada a temerosa tempestade—a guerra europeia. Produziu-se finalmente o temível choque de interesses económicos e políticos rivais, choque que vai abalar o mundo de forma tal, que os mais perspicazes e sabedores se não atrevem a conjecturar até onde irão as consequências do abalo. Vamos assitir mais uma vez, e em proporções gigantescas, ao desenrolar de carnificinas e devastações de toda a especie, com o seu cortejo de luto, de lagrimas e de ruína nos lares. A todos os paizes ha-de chegar uma parcela maior ou menor da catástrofe; em toda a parte as dificuldades para uns e a miséria para outros, serão, pelo menos, as consequências a sofrer. Mas estes resultados são fatais; nada os poderá já evitar e inúteis são as lamentações neste momento sobre os horrores da guerra. Não vimos por isso lamentar as vidas perdidas, as povoações postas a saque, os massacres e os incendios, nem mesmo mostrar indignação—egualmente inútil—contra os causadores de tão tremenda conflagração. Deixemos essas manifestações de piedade e de revolta para os que só agora, em face da terrível realidade, pressentem as desastrosas consequências do conflito.

«Esta guerra é um crime e são grandes criminosos os que a provocaram» ouve-se dizer constantemente. «E quem praticou o crime, foi a sociedade capitalista», acrescentamos nós.

Esta guerra é a resultante logica, a consequencia inevitavel do regimen burgues.

Era fatal! A febre dos armamentos, levados a cabo em nome do capcioso argumento de que quem quer a paz prepara-se para a guerra, havia de conduzir ou ao conflito armado ou ao desarmamento mutuamente consentido. Mas a esta ultima solução opunha-se a ganancia capitalista, insaciavel do ouro que lhe era fornecido pelos exercitos e armadas em constante aumento e renovação. Ao desarmamento opunham-se os grandes financeiros, os construtores de barcos de guerra, os fabricantes de armas, os fornecedores de víveres, de uniformes e materiais de construção, etc., ligados por um interesse comum, amontoando fortunas ou vivendo largamente da paz armada, gozando de influencia e poderio, ao mesmo tempo que apregoavam todo o seu amor pela paz entre os povos.

Salientam-se nos protestos contra a guerra os pequenos burgueses. E' o espectro das consequências económicas do conflito, que principalmente os aterra contribuindo também—queremos acreditar—para a revolta que sentem, a natural repulsa pela carnificina que, tudo faz prever, será enorme. Mas estes pequenos burgueses são os mesmos que aprovam os armamentos quando os lucros lhes tocam pela porta. São os mesmos que se insurgem agora contra os políticos que, levados pelas circunstâncias que todos prepararam se lançam na guerra para satisfação das ambições de caracter politico que todos os grandes acontecimentos sociais comportam; e são eles que clamavam contra os verdadeiros amigos da paz, os anti-militaristas, que procuram evitar as guerras pelo unico meio possível de as evitar.

O que move a burguesia con

tra os anti-militaristas, durante a paz, é o que a move contra os militaristas com a guerra desencadeada: é o receio das consequências económicas da acção de uns e outros. E' que, por detraz do anti-militarismo, a burguesia sabe que está o anti-capitalismo, o combate aos privilegios burgueses. O que a burguesia desejava era o progresso constante das suas riquezas, sem o perigo da guerra exterior e sem o da revolta no interior. A burguesia desejava o impossível; por isso se enganou e, pagando o erro cometido, tem que desaparecer. O regimen burguez faliu lamentavelmente.

Durante muitos anos dispoz de tudo o que a intelligencia, o saber e a audacia dos homens conquistara de belo e de util. Os inúmeros progressos realizados em todos os campos da actividade humana, foram monopolizados pelos dirigentes e potentados da sociedade burguesa. E com tudo isso, com todos os factores de progresso e de bem estar-estar geral nas mãos, realizaram esta monstruosidade: uma lucta horrorosa, entre todos os povos, da qual pode resultar um recuo tão grande na obra da civilização, apesar de tudo realizada, que possa considerar-se com a sua propria perda. Os explosivos inventados, a navegação aerea e submarina, grande parte da energia electrica e das descobertas na mecanica, tem sido consagradas exclusivamente á arte da guerra, despresando-se as mil applicações que, para bem de todos, poderiam derivar dos progressos realizados. Todo esse trabalho da intelligencia e da energia dos homens, foi utilizado para a carnificina, para o massacre, para a devastação.

A consequencia do regimen burgues foi esta porque todos os esforços realizados, donde deveria resultar mais bem estar e mais harmonia, foram sobretudo empregados, por diversos modos, para manter e intensificar a exploração capitalista, a tirania do rico sobre o pobre, os privilegios de uma infame minoria de improduttivos, estadeando-se em face da miséria, cada vez maior, soffrida pela imensa maioria dos que produzem.

A tremenda catastrophe que se está desenrolando é o digno fecho, a coroação da obra nefasta de opressão e de imprevidencia da sociedade burguesa, cujo egoísmo lhe não deixava ver o abismo que a esperava. Ela é vitima da sua propria obra. Mas não é, infelizmente, a burguesia a unica, nem sequer a vitima que mais sofre com os efeitos proximos da guerra. E' o proletariado ainda—quem mais vai sofrer. Mas o proletariado saberá encargar a situação com sangue frio, para melhor se defender, não se deixando expoliar pela ganancia comercial que, no meio de tanto desastre, em vez de adormecer, mais vigilante se manifesta, para açambarcar e agiotar, agravando a miséria dos que já tão miseravel existencia passavam. Saberá defender-se destes perigos immediatos e não perderá de vista a significação económica e politica da guerra actual.

O mundo está cheio de grandiosas realisações, no campo das sciencias, das industrias e das artes; a capacidade produtora dos homens atingiu um grau que permite esperar um acrescimo constante de descobertas e aperfeiçoamentos. E tudo isto, que representa a garantia da felicidade ha de

### Os efeitos duma guerra

Nam artigo sobre a Crise económica italiana, publicado no Secolo, de Milão, em 4 de julho passado, o escritor burguez Attilio Cabiati reconhece que a dita crise se tornou crónica.

São uma infinidade as instituições de crédito, sobretudo das mais populares, arrastadas a uma irreparável ruína, naufragadas na falência e na vergonha, por causa da crise provocada pela guerra ítalo-turca e pela conquista da Tripolitânia. Cabiati cita vinte das mais importantes dessas instituições falidas, que são, porém, muito mais numerosas, tudo no decorrer de um ano!

A actividade económica de todas as mais importantes indústrias de 1911 sofre uma diminuição progressiva e precipitada, especialmente das indústrias algodoeiras, séricas e metalúrgicas; não se



perder-se porque a burguesia o não soube utilizar? Não pode ser!

O proletário tem consciência do valor civilizador da obra realizada, sabendo que lhe cabe nela uma tão grande parte, que pode, com legítimo orgulho, considerá-la como a sua própria obra. Por isso quer e hade salva-la. Hade saber fazer uso de todos os factores de progresso existentes, não para criar novos privilégios, mas para fazer desaparecer os antigos e substituí-los por uma organização social onde a mentira e a injustiça sejam a excepção e não a regra como na sociedade actual.

Não podem as classes privilegiadas revoltar-se legitimamente contra esta pertença, por que a obra que lhes é propria produziu o resultado que se está vendo: Uma catastrophe como o mundo já mais presenciou.

Todos homens de coração e de senso reconhecerão a necessidade de colaborar na obra de salvação social que se impõe apoz o terrível desastre que tão tragicamente vai coroar o regimen burgues. Que todos se unam para o bem de todos! Trabalhem para acabar com a injustiça, as guerras e a miseria, substituindo, como base de organização social, o erro que é a exploração e a tirania entre os homens pela applicação desse principio cheio de luz e de força que se chama—a Solidariedade Humana!

A União Nacional Operaria

O Estado Socialista

II

Suponhamos que, de qualquer modo, o governo tenha caído nas mãos dos socialistas e que esteja bem sólido e bem constituído um governo socialista. Seria chegada, por esse motivo, a hora do triunfo do socialismo?

Creemos que não.

Se a instituição da propriedade individual é pródiga de todos os males que conhecemos, não é porque certa terra está inscrita num registro em nome de fulano ou de sicrano, mas porque tal inscrição dá a esse individuo o direito de usar da terra como lhe apraz, e o uso que dela faz é em regra mau, isto é, em prejuizo dos semelhantes.

Todas as religiões nas suas origens disseram que a riqueza é um gravame o qual obriga os seus possuidores a tratar do bem-estar dos pobres e servir-lhes de pais; e nas próprias origens do direito civil se vê que o senhor da terra está preso por tantas obrigações cívicas, que é mais o administrador dos bens no interesse do público, do que o proprietário no sentido moderno da palavra. Mas o homem é de tal modo feito que quando tem meio de dominar e impôr aos outros a vontade própria, dele usa e abusa até reduzir os outros á escravidão e á abjecção. Assim o senhor, que devia ser pai e protector dos pobres, transformou-se sempre em explorador feroz. Assim succedeu sempre e assim succederá sempre com os governantes.

De nada vale dizer que quando o governo sair do povo, fará os interesses do povo; todos os poderes sairão do povo pois que só o povo pode dar a força, e todos opprimiram o povo. De nada vale dizer que, quando já não houver classes privilegiadas, o governo não poderá deixar de ser órgão de vontade colectiva; os governantes constituem de per si uma classe, e entre eles desenvolve-se uma solidariedade de classe, bem mais poderosa que a existente nas classes fundadas sobre os privilégios económicos.

E' verdade que hoje o Governo é servo da burguesia; mas é-o mais porque os seus membros são burgueses do que por ser Governo; como Governo, faz o que fazem todos os servos: detesta o patrão, enganando-o e roubando-o. Não era para servir a burguesia que Crispi saqueava os bancos, como também não era para a servir que elle violava a constituição.

Quem está no poder quer ficar e quer a todo custo fazer triunfar a sua vontade—e como a riqueza é instrumento efficacissimo do poder, o governante, embora não abuse e não roube pessoalmente, provoca em volta de si o aparecimento duma classe que lhe deve os seus privilégios, e tem interesse na permanência dele no poder. Os partidos de governo são no campo político o que as classes proprietárias são no campo económico.

Os anarquistas repetiram-no mil vezes, e toda a história o confirma: propriedade individual e poder político são os dois anéis da cadeia que agriho a humanidade, são como dois gumes da lâmina dum punhal. E' impossível livrar-se a gente dum sem se livrar do outro. Aboli a propriedade individual sem abolir o governo, e aquela reconstituir-se-á por obra dos governantes. Aboli o governo sem abolir a propriedade individual, e os proprietários reconstituirão o governo.

Quando Frederico Engels, talvez para prevenir a crítica anarquista, dizia que, desaparecidas as classes, o Estado propriamente dito já não tem razão de ser e transforma-se de governo dos homens em administração das coisas fazia apenas um vão jôgo de palavras. Quem tem o domínio sobre as coisas, tem o domínio sobre os homens; quem governa a produção governa o produtor; quem made o consumo é senhor do consumidor.

A questão é esta: ou as coisas são administradas segundo os livres pactos dos interessados e então é anarquia; ou são administradas segundo a lei feita pelos administradores e então é o governo, o Estado, e fatalmente vem a ser tirânico.

Aqui não se trata da boa fé e da boa vontade deste ou daquele homem, mas da fatalidade das situações e das tendências que em geral os homens desenvolvem quando se acham em certas circunstâncias.

Demais, se se trata verdadeiramente do bem de todos, se verdadeiramente se quer dizer administrar as coisas no interesse dos administrados, quem melhor o pode fazer do que os produtores e consumidores dessas coisas?

Para que serve o governo?

O primeiro acto dum governo socialista apenas chegado ao poder, deveria ser este: *Considerando que, estando no governo, nada de bom podemos fazer e paralisaríamos até a acção do povo obrigando-o a esperar leis que não poderíamos fazer senão sacrificando os interesses duns aos dos outros e detendo os nossos em particular.—Nós, governo, etc.—*

*Declaramos abolida toda a autoridade, convidamos todos os cidadãos a organizarem-se em associações correspondentes ás suas várias necessidades, confluentes na iniciativa dessas associações e vamos levar para o meio delas a contribuição da nossa obra pessoal.*

Jamais o governo fez coisa semelhante, nem o faria um governo socialista. E por isso o povo, quando tiver a força nas mãos, se for ajuzado, impedirá que se constitua um governo qualquer.

ERRICO MALATESTA.

Coisas historicas

**10-1797**—A bordo da corveta *Aviso*, é preso pela inquisição, quando se preparava para fugir, o poeta Boga. A causa desta prisão foi a sua poesia *Verdades duras*, em que criticava a «illusão da eternidade», o que os sotaínas não podiam admitir.

**11-1899**— Em Renanes, por causa do processo Dreyfus, instalam-se cinco fios telegraficos que permitem 20 transmissões simultaneas.

**12-1893**— Sai, em Paris, o primeiro numero de *O Rebelde*, semanário anarquista.

**13-1899**— Com a avanzadaidade de 90 anos, morre, em Heidelberg (Alemanha) o famoso químico Burisen.

**14-1899**— Em Porto Rico ha um horroroso ciclone que produz inúmeras victimas.

**15-1895**— Os grupos anarquistas de Barracas (República Argentina) publicam o primeiro número do seu órgão, intitulado, *O Revolucionario*.

**16-1894**— E' guilhotinado em Lyon (França) Santo Caserio, o executor de Carnot, presidente da republica franceza, o qual, segundo a opinião de muitos individuos, se preparava para entregar a republica aos jesuitas...

O método anarquista

O Estado, isto é, o governo com toda a sua jerarquia de padres, militares e magistrados, é a criatura e o criador do privilegio. Os privilegiados, para garantirem os seus privilégios, criam um governo, o Estado, ou por outra, organizam a defeza com as armas, com as leis, com o dogma. Por seu lado, o Estado procura manter-se, cria novos privilégios dentro do privilegio, uma classe que o apoie e defenda, motivos artificiais que justifiquem a sua existência e a sua necessidade. Cada classe governante—que procura do seu lado ser a mais forte—tem interesse na conservação e alargamento do pretexto sobre que vive: o padre tem interesse na fortificação e derramamento do dogma, da ignorância e da superstição religiosa; o militar profissional é partidário da guerra e do morticínio; o polfista e o juiz precisam da criminosos; o funcionário deseja a expansão dos serviços e dos monopólios do Estado. O maior cuidado do parasita é o de fazer crer necessária a sua existência. Se a classe que apoia o Estado desaparecesse, subsistindo o Estado, este faria resurgir aquela, porque elle só se applica e só se mantém com e pelo privilegio.

Isto disseram os anarquistas, que tendo assim explicado a origem do Estado, trataram de mostrar a sua inutilidade. A afirmação de que o Estado guarda a paz e a ordem, responderam perguntando:—E quem guarda a guarda? e dizendo que todos se guardam reciprocamente, isto é, que os homens se põem livremente de acordar, destruídas as causas da desarmônia; e acrescentaram que sendo toda a evolução feita no cérebro dos individuos e partindo daí, visto não ser a sociedade uma personalidade com existência própria, mas um agregado de individuos; sendo o progresso feito pela soma das energias individuais, o Estado não é uma força nova, alguma coisa que se some ao já existente, mas áticamente, na melhor hipótese, uma engrenagem superflua.

Mas além de inutil, o Estado é nocivo. A sua missão é a de conservar o privilegio, o existente, opondo se á força progressiva da sociedade como uma força conservadora que impede qualquer melhoração, mantendo na submissão, pela violência e pelo engano, o grande bando dos opprimidos, do qual vem sempre a iniciativa da emancipação e do progresso. O Estado é ainda uma força regressiva: se a força exterior, a dos homens progressivos, dos revolucionários, trabalhadores, sábios, artistas, propagandistas, não o detêm, não se lhe impõe, não marcha, a despeito dele, o Estado destrói as liberdades conquistadas, cria sempre novos privilégios, na sua necessidade de conservação.

E tendo assim, como para a hipótese Deus, aclarado a origem, a inutilidade e a nocividade do Estado-Providência, os novos ateus, dêsse deus ridiculo e monstruoso, filho da ignorância, disseram resolutamente; «Guerra ao Estado! Matemos o Estado!»

E para isso puseram em prática um método, naturalmente deduzido das conclusões a que chegaram e sancionado pelos factos:—a livre iniciativa e o livre accordo. Pois que o Estado nada produz; pois que é uma força de tendência regressiva que estorva a produção de utilidades, disseram os anarquistas,—aumentemos a força progressiva, desenvolvamos a livre accordo, preguemos e tentemos a emancipação pelo esforço próprio, prescindamos do Estado, individual ou associadamente, façamos sobre elle a maior pressão possível, até lhe pormos o pé sobre o côlo, esmagando-o como um reptil peçonhento. Os povos mais adiantados são os que obrigam os governos a governar o menos possível.

E é este método anarquista—a liberdade—que distingue os anarquistas, mesmo de muitos que se tem declarado anarquistas idealmente, e não praticamente. Dentro dele cabem a vontade homens que divergem noutros pontos. Repelindo o sectarismo e o dogmatismo e abraçando num largo

amplexo a primeira virtude do anarquista, a essencial virtude—a tolerancia, a anarquia é um vasto campo de luta franca e decisiva.

Dentro do método libertário de acção directa dos individuos, estão os anarquistas, em face dos partidários do método autoritário, da acção legal, das reformas partidadas duma máquina central, cuja missão é conservar e não reformar; em face dos que se preocupam as modificações nessa máquina, como se o roubar por um modo diferisse essencialmente do roubar por outro.

Reformas legais

Lemos num velho numero (de 1904) de *Les Temps Nouveaux*:

«Não se pôde redigir contra a *Social Democracia* alemã libelo mais cruel do que o folheto sobre a greve de Krimtschau, que os socialistas democratas russos acabam de publicar.

«Nunca se é traído senão pelos seus».

«Esta greve, como se sabe, ou antes este *lock-out* (porque foram os patrões que fecharam as fábricas) durou cinco meses e meio. E que pediam os tecelões?

«A jornada de dez horas em vez de onze. Dez por cento mais sobre o trabalho por peça, sem tocar aliás na tabela dos salários mensais.

«E' tudo? Sim, é tudo. Os tecelões não tiveram mesmo nada que dizer quanto ás crianças obrigadas a trabalhar desde a idade de doze anos.

«Mas então, perguntareis vós, o dia de trabalho na Alemanha é ainda de onze horas?—Perfeitamente! Isto, mesmo na Saxónia, o país mais industrial da Germânia. Isto, num país que tem 85 representantes da democracia pseudo-socialista no parlamento!

«Apesar de todas as fanfarronadas de Liebknecht que escrevia que a grande e livre Alemanha nada de comum pôde ter com a servil Rússia,—na Alemanha, como na Rússia, o dia legal de trabalho é sempre de onze horas. E quando os tecelões fazem greve e resistem por quase seis meses, sustentados toda a Alemanha operária, para obter a jornada de dez horas, voltam á oficina batidos, depois de todos os sofrimentos.

«E as crianças? Ha 40 anos, diz-nos essa brochura, tinha-se feito a lei que prohibia o trabalho das crianças de menos de doze annos. Mas como não havia inspecção eficaz, foram precisos quarenta annos para que a lei fôsse applicada.

«E os representantes da *Social Democracia*? Que fizeram desde 1864?—Nada demonstra melhor de que mentira os trabalhadores alemães foram vítimas durante 40 annos com esta democracia social. Nada de greves, dizia-lhes ela: guardai o dinheiro para as eleições! Nada de organização sindical; ela estorva a acção politica.

Guardai as vossas forças e o vosso dinheiro para as eleições! Não acrediteis na Revolução. Nomeai-nos, e obtareis do parlamento as reformas, redução das dez horas de trabalho, etc., tão necessárias ao operário!

«E qual é o resultado? Nada, nada! Nada que não fôsse obtido directamente pelas greves.

«Onze horas por dia—como sob a autocracia russa E em matéria de liberdades politicas... é ainda pouco mais ou menos a mesma coisa; gendarmes, tribunais, proibições de comércios e o resto.

«Compreende-se que ao lado desta grande farça—a social democracia parlamentar—os trabalhadores tenham decidido fazer os seus sindicatos. Contam já mais de 1 100.000 membros.»

Numero especial de «Regeneracion»

Os camaradas que desejarem adquirir este numero especial podem dirigir-se a Giordano Bruno—Gulpilhare (Gaia). O preço é voluntario, e o seu produto é para cobrir o deficit do mesmo jornal.

Documentos para a história

Os revolucionários sociais franceses, em face da atitude agressiva e provocadora da Austria e da Alemanha, diante dos ódios acumulados na Europa contra o brutal imperialismo alemão, viram-se em péssima situação para impedir a guerra. Os governos da França e Inglaterra mostravam-se conciliadores, pareciam empenhados em evitar a conflagração; aos olhos do público, a luta tomou o carácter de defeza contra a agressão militarista. Habilmente, o governo francês renunciou a servir-se do *carriet B*, no qual estavam registados todos os militantes revolucionários, que deviam ser presos e encerrados num campo de concentração, em caso de mobilização, e declarou que assim procedia porque «confia na classe operária» e porque «é sabido que o governo tudo tentou—e ainda tenta o impossível para salvaguardar a paz (declaração officiosa publicada pelo *Bonnet Rouge* de 1 de agosto).

O papel principal na luta contra a guerra cabia aos socialistas alemães e austríacos, tam numerosos e tam «formidavelmente» organizados... Que fizeram eles? Porque não evitaram o conflito? Guardemos o nosso juizo para quando tivermos elementos suficientes de apreciação, e entretanto falemos dos esforços dos franceses.

Os revolucionários franceses aliás colhidos de surpresa pelos acontecimentos, organizaram imponentes manifestações em Paris e na provincia, sendo a primeira de centenas de milhares de demonstrantes; e a agitação cresceu de intensidade quando estalou a conflito.

Em 31 de julho, o secretário da União Sindical Internacional, o alemão Legien, telegrafava de Berlim pedindo a opinião da C. G. T. franceza sobre a situação. Em resposta, Joubaux telegrafava o seguinte:

«Confederação Geral do Trabalho franceza resolutamente contra a guerra pede ao proletariado internacional intervenha por meio de pressão sobre os governos para obter a localização do conflito.

«A paz continua sendo possível, deve triunfar, se os trabalhadores organizados internacionalmente permanecerem unidos num mesmo pensamento: opposição a qualquer conflagração.

«Essa paz está nas mãos da classe operária internacional, se ela souber estar á altura do perigo.

«Aqui prosseguem as manifestações pacifistas! Acreditamos firmemente na paz, pois estamos energeticamente decididos a evitar a guerra.

«Abaixo a guerra! Viva a paz garantida pela Internacional Operária.

Decretada a mobilização no dia 1, a C. G. T. dirigia aos proletários de França este manifesto com o subtítulo *Acaba de soar uma hora grave*:

«Estão a ponto de triunfar as forças más. Bruxuleia ainda um clarão de esperança, mas tão debil é que devemos encarar as piores eventualidades.

«Enquanto vamos arrastados para o abismo, queremos conservar a esperança duma paz possivel.

«Até esta hora, manteve-se a Comissão Confederal no seu pósto de combate, lutando pela causa da paz.

«Ainda ontem ela dirigia á Internacional operária um apelo supremo.

«Se os seus esforços parecem não ter dado o que tínhamos o direito de esperar, o que esperava a classe operária organizada, é por que os acontecimentos nos submergiram. Foi também porque, devíamos diz-lo neste momento supremo, o proletariado não compreendeu bastante maneiamente quantos esforços continuos eram precisos para preservar a Humanidade dos horrores duma guerra.

«Mulheres, que chorais neste momento, tudo fizemos para vos poupar essa dor. Mas, até hoje só podemos deplorar o facto consumado.

«Póttamos nós pedir aos nossos camaradas maior sacrificio?

«Custe-nos isto o que nos custar, respondemos: não!

«O que de todos reclamamos é uma inabalável afeição ao sindicalismo, o qual deve atravessar a crise que se inicia á sobreviver á ella.

«Tám firmemente como ontem, devemos conservar a integridade das nossas ideias e a fé no seu triunfo definitivo.

«A Internacional operária continuará a ser sempre o alvo dos nossos esforços.

«Convergência das nossas esperanças, não queremos que ella seja aniquilada na tormenta.